

Onésimo Teotónio Almeida

No princípio era

POR URBANO BETTENCOURT

Um trabalho sobre a crónica pres-supõe uma primeira observação sobre o modo como o tempo (o *cronos* que lhe subjaz como étimo) se inscreve no interior do discurso, com os seus acontecimentos particulares, mais significativos ou menos relevantes, modalizados por uma subjectividade que lhes escolhe um ângulo determinado e os questiona, interroga e interpreta.

Por outras palavras, uma aproximação à crónica implica prestar atenção aos dados que um autor selecciona mas também, talvez principalmente, ao tratamento a que são submetidos e ao ponto de vista que preside à sua análise e discussão: da concordância à recusa, os elementos escolhidos possibilitam a reflexão ou o comentário, podem ser abordados num registo sério ou então humorístico, até mesmo numa perspectiva de afastamento satírico.

Num segundo momento, e no caso de autores que tornam a crónica um prolongado exercício de escrita, é possível ainda outra abordagem, atenta ao papel do tempo na transformação da própria crónica, a abertura a novas formas discursivas e o privilégio dado a uma ou outra, com a reflexão ao lado da narrativa, a divagação a par da exposição temática ou argumentativa.

É sensivelmente dentro destes parâmetros que traçarei algumas linhas de leitura da crónica de Onésimo Teotónio Almeida, mas privilegiando a abordagem de uma obra.

Por isso voltei aos primórdios, pelo facto de isso me permitir detectar a eventual presença de traços verificáveis em escritas posteriores e, por outro lado, ver como crónicas escritas num contexto tão particular se deixam ler ainda hoje.

No princípio era a *LUSAlândia*: a palavra e o livro em cuja capa ela surgiu.

Sobre o fundo azul dum perfil de águia americana, inscrevia-se a negro o título: *Da Vida Quotidiana na LUSAlândia*, com grande destaque (pela cor e pela dimensão) para a sigla *USA*, que desse modo desfocava o sentido da palavra-base *lusalândia*, ou, numa outra perspectiva, lhe ampliava a ambiguidade e os sentidos.

Esse princípio situou-se no ano de ...1975.

E *Da Vida Quotidiana* entra no cômputo desses sete milhões de livros publicados a mais em relação ao ano anterior e em que quase duplicaram as obras de ciências sociais e políticas (como refere Eduarda Dionísio).

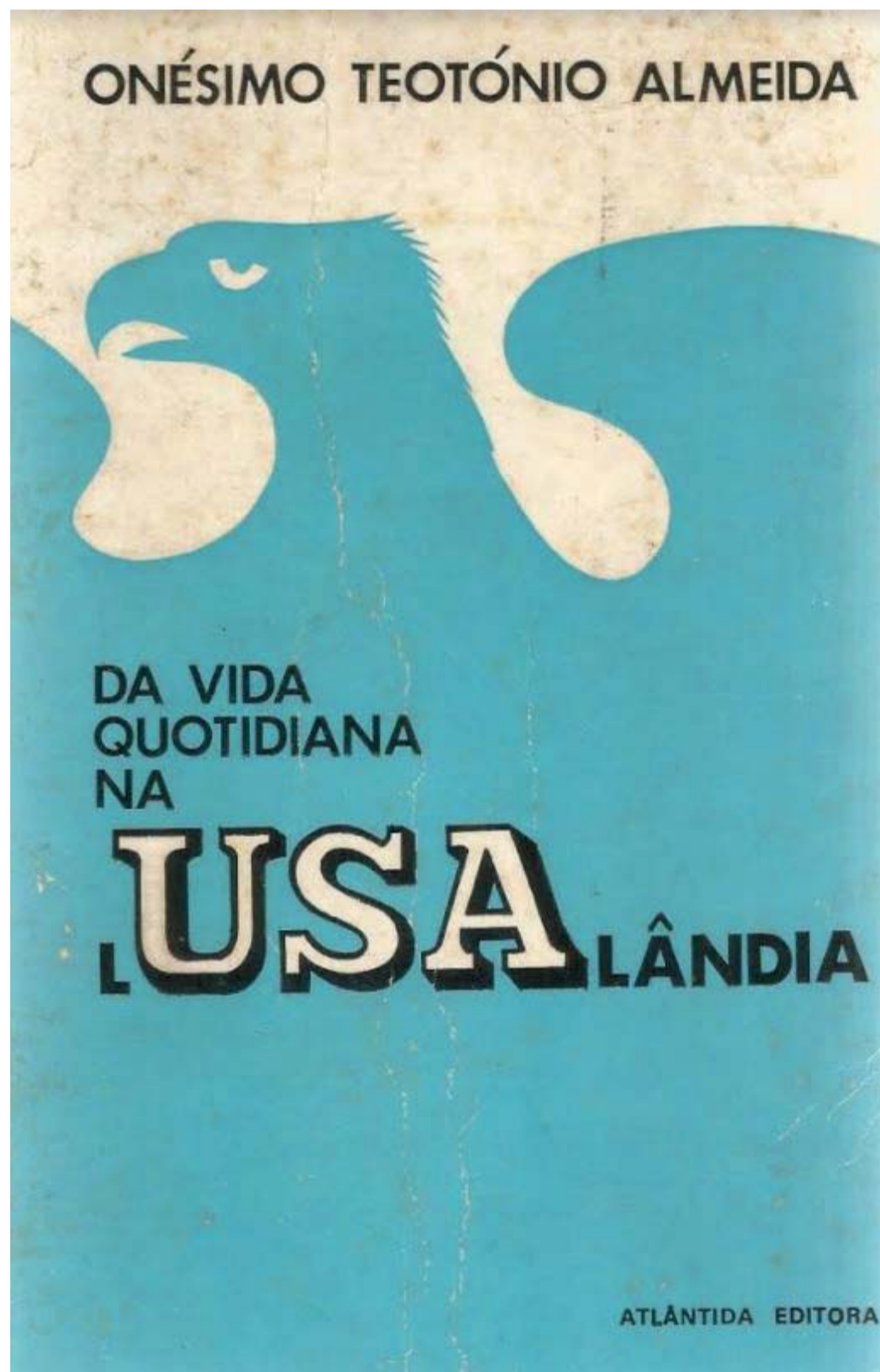
O livro de Onésimo não era um livro político. Pelo menos, naquele sentido puro e duro detectável em títulos também desse ano, como *O homem, o capital mais precioso: para uma formação bolchevique* (Staline), ou *Como iludir o povo com os slogans de liberdade e igualdade* (Lenine) ou ainda *Uma faísca pode incendiar toda a pradaria* (Mao Tsé-Tung), notoriamente mais subtil e alegórico do que os dois primeiros; mas, ao destacar as 3 letrinhas do Império de Oeste, *Da Vida Quotidiana na LUSAlândia* tornava-se um livro peregrino (talvez suspeito) nesse tempo e lugar em que muitos corações batiam em ritmo acelerado pelo Império de Leste, pelas suas receitas que viriam salvar o mundo.

Num livro de crónicas publicado cerca de vinte anos mais tarde, Onésimo escreveu: «Os jornais são um vício. Um bicho. Não sei se português apenas. Mas confesso essa baixeza, essa inclinação ordinária de me apeteecer com frequência enxovalhar-me – sejamos directos –, chafurdar nas colunas dos jornais sem dar ouvidos à convicção de certos universitários portugueses de que a actividade “universitária e científica” se não coaduna com a ligeireza da escrita jornalística. Que hei-de eu fazer?» (*Rio Atlântico*, p. 42).

É um comentário que se apropria de algum discurso universitário português e o cita em óbvia distanciação irónica, instituindo um tópico frequente das suas crónicas: a diferença de espírito e de comportamento entre o mundo académico dos Estados Unidos e o de Portugal (onde, digo eu agora, autores como Nemésio e Mourão-Ferreira também se tinham conspurcado na lama dos jornais e da televisão, para grande consternação dos respectivos pares). E a resposta implícita à pergunta final («Que hei-de eu fazer?»), conhecemo-la hoje bem: insistir e escrever, escrever sempre, não desistir de marcar presença nos jornais.

Fora aí, aliás, que tinha nascido *Da Vida Quotidiana na LUSAlândia*.

Seleção de crónicas e excertos de outras, publicadas num semanário da comunidade portuguesa durante cerca de dois anos, de Janeiro de 1973 a Abril de 1975, a referência temporal é já um primeiro sinal de acontecimentos passíveis de tornar-se matéria de comentário e análise, tanto nos Estados Unidos como em Portugal, onde o golpe militar de 1974 constituiu uma baliza histórica, com a abertura a outros temas e sobretudo com a possibilidade de tratá-los livremente.



Ora, a própria orgânica do livro obedece a essa dupla dimensão territorial e cultural, com a *LUSAlândia* encravada entre os dois: uma breve secção intitulada «Ilhas em Terra», outra «Portugal à Distância», ainda outra «A Presença Distante da América» e finalmente «A *LUSAlândia* entre Dois Mundos».

O neologismo merece a Onésimo um minucioso prefácio em que procede a uma dilucidação do conceito, amplificando os contornos semânticos e os dados complexos da realidade que uma palavra-síntese como *LUSAlândia* pode abranger. «Parte de um povo. Ou, talvez melhor, parte de dois povos. De duas civilizações. De duas maneiras de estar no mundo»

(p. 7) – com isto se assinala já a dimensão híbrida da comunidade portuguesa a contas com a sobrevivência no interior do mundo americano, prolongando noutra território os traços de origem e submetida ao mesmo tempo ao apelo de novos valores, e, no fim, «tão diferente do [mundo] americano como o é do português» (p. 7).

Em livro posterior, Onésimo descreverá a *LUSAlândia* como «a [sua] ilha adoptiva, um Portugal rodeado de América por todos os lados» (*Aventuras de um Nabogador*, p. 12).

É uma outra formulação, sintética e num registo discursivo a remeter para a corografia, que enfatiza a natureza de enclave do mundo lusalandês,